

# Feitic|o

Uma Jornada Mística Pela Imagem do Verso

Adriana Brindeiro & Heldemarcio Ferreira

Copyright® Editora Cadena, 2021.

Copyright® Hheldemarcio Ferreira.

Copyright® Adriana Brindeiro.

Editora Cadena:

Felipe Cadena

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Felipe Cadena

Ilustração:

Adriana Brindeiro

Digitalização de Imagens

Cristiano Gonçalves de Melo

Revisão:

Adélia Coelho

feitiço (Uma Jornada Mística pela Imagem do Verso).

Hheldemarcio Ferreira, Adriana Brindeiro. - Recife: Editora  
Cadena, 2021. 56p.

I. Literatura Brasileira. 2. Poesia 3. Crônicas poéticas.

I. Ferreira, Hheldemarcio. II. Brindeiro, Adriana. III. Título.

# Sumário

## Capítulo 1

- Balé das Baronesas
- Borboletras
- Flor de cáclus
- Arborescência
- Guardiã (Pantera Negra - O Feminino Sagrado)
- Diante do mar
- Maikehai
- A miragem da fada azul
- Almíscar 1
- A mulher nascida para ser livre

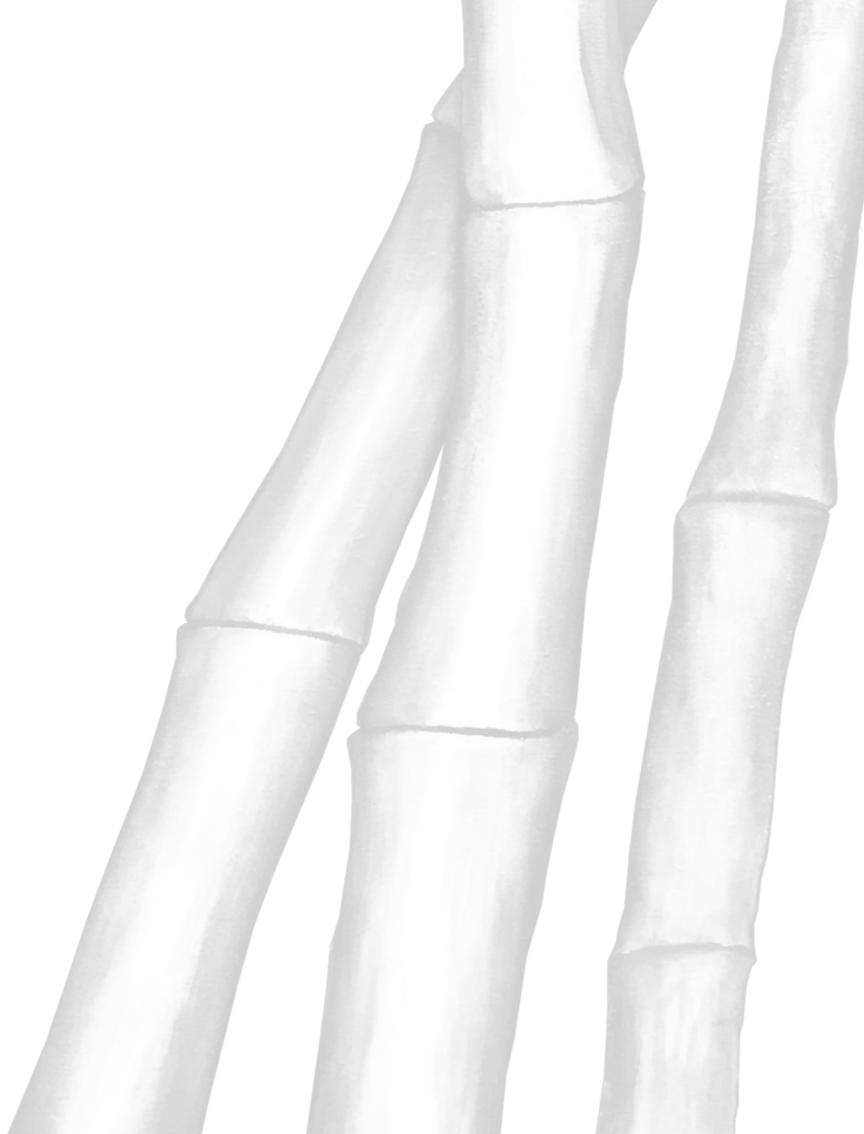
## Capítulo 2

- No seio do ser
- Avatar
- Brígida
- Musa Iluminata
- Feitiço (Rayssa)

- Indômita
- Errante
- Medusa
- Diamante
- Tainara
- Lua (cântico lunar)

## Capítulo 3

- Floresta Brasil
- A magia da dança e da poesia
- Oráculo
- Estlesia
- Peculum
- Sem Razão
- Sartreano
- Aliteração
- Alma nua
- Guru dos mangues
- Instinctus



**Q**uando se fala ou quando se escreve, não é nunca para transmitir tal qual e intacta uma verdade já pronta. Fala-se e escreve-se para lançar sementes no espírito do outro que ouve, que lê. Pouco importa aquilo que o artista ou o autor ‘quis’ realmente dizer. O essencial está em outro lugar. Na fecundidade da obra, em sua capacidade de suscitar pensamentos novos, belos e verdadeiros.” (Marc Havély)

Nesse contexto, o livro apresenta uma jornada fílmica na qual a artista, “autora das pinturas”, e o escritor, “autor dos poemas”, com todo o esmero próprio do lirismo, se dedicaram a desvendar a magia do feitiço que enleava esta imagética obra, repleta de significados que podem ser aos poucos percebidos em seus insidiosos e surpreendentes encantos.

## Prefácio

No teor da vida, o fiandeiro tece suas redes de pesca com malhas miúdas ou graúdas, vislumbrando o tamanho do peixe que deseja pescar. Num lance preciso com sua tarrafa de trinta e cinco pontos, Heldemarcio Ferreira acerta em cheio o cardume de leitores amantes da poesia, brindando-nos com o seu **FEITIÇO**, obra primorosa com poemas escritos e pintados, numa viagem mágica que dialoga com a alma de quem se permite sair do lugar comum e navegar nas águas do imaginário poético do livro.

A experiência imagética de cada cena revelada no portal aberto aos olhos de Heldemarcio, remete-me imediatamente para o universo da ayahuasca, em que se consegue perceber a beleza dos mistérios de cada paisagem guardada em sua essência. É isto que nos oferecem os autores. No meu entendimento, a Adriana Brindeiro sai da esfera de simples ilustradora e se insere na condição de coautora com os traços poéticos da sua pintura enxuta.

Na tentativa de escolher um verso ou uma estrofe para destacar a força e a beleza das imagens que cada poema apresenta, percebi que este livro é simplesmente indivisível. Cada palavra é uma malha integrada à pintura e cada verso sugere música com compassos divinos, permitindo-me reviver momentos especiais de imersão na minha floresta amazônica.

A inserção da prosa elucidando contextos da viagem poética, lembrou-me o momento em que a garapa de cana na fornalha do alambique transforma-se em aguardente e, posso afirmar, que esta safra é especial e nos incita a cada página fazer um brinde especial ao Feitiço.

Heldemarcio conclui sua obra de forma magistral com o poema de Manoel de Barros e como um velho canoeiro que sabe o jeito de remar em busca dos cardumes, emite lampejos de sabedoria para refletirmos o sentido primordial de existir neste mundo conturbado. Viva a poesia de Heldemarcio e a pintura de Adriana. Boa viagem!

Celso Braga

Professor, poeta, músico e compositor.

## Preâmbulo

**N**ão sei se forá um delírio, um sonho ou, quem sabe, uma projeção de realidade alternativa. Os “fatos” que por ora passo a relatar foram “vivenciados” por uma personagem bem peculiar, e sobre a qual ouso dizer que ainda sei muito pouco. Por outro lado, essa figura é dotada de uma consciência transcendente que serviu de guia nessa jornada repleta de revelações e reflexões. Paradoxalmente, posso afirmar que a personagem me é tão “estranhamente” familiar que até poderia jurar ser uma extensão ainda desconhecida de minha própria pessoa ou da minha ânima.

Poderia ter começado num rio ou manguezal, mas foi num flat próximo ao mar de Maracaípe, no litoral sul de Pernambuco. Tudo parecia um dia normal e tediosamente comum, não fosse por uma despretensiosa nuance. Havia um portal de madeira rústica, por sinal uma instigante peça de artesanato, cravado na parede do mezanino. Ao fixar o olhar para esse adorno, aparentemente decorativo, uma pergunta surgia insistentemente na minha mente, já um tanto obnubilada por seguidas taças de vinho tinto e pelo estímulo inebriante da música e da poesia que inundavam o ambiente, entorpecendo o corpo, a alma e a própria vida àquela altura. A pergunta era “Estás disposto a atravessar o portal mágico?”. Estaria eu pronto para decifrar tal enigma?



**N**esse exato momento, fui tomado por uma súbita vertigem e, após alguns instantes atordoado, olhei em direção à parede e “vidiei” aquele portal se abrir diante de mim. Então, senti que não era mais a minha persona que se fazia notar. Uma figura feminina que acabara de adentrar num vasto e colorido vergel, no qual se podia perceber uma trilha formada por penedos, a qual apontava para um caminho inusitado. A personagem, na qual me encontrara investido, começou a avançar, com passos lassos, pela trilha à sua frente, iniciando uma jornada de natureza insólita numa dimensão que não me arrisco a nominar.

## Capítulo 1

# Arborescência



**A**pós caminhar por algum tempo, que não pode ser mensurado por qualquer tipo de cronologia convencional, eis que ela se deparou com um estranho lago de águas escuras e fétidas. O local se encontrava repleto de plantas aquáticas, dotadas de flores na cor lilás e de grandes folhas verdes em formato de conchas que pareciam dançar sobre as águas. Aquela cena suscitava certa inquietude e ansiedade pela ideia subjacente que a viajante concebia naquele ensejo. Era o panorama insidioso do balé das baronesas, no qual imergira num mergulho profundo e insólito.



## Balé das Baronesas

Vilória régia, rainha-dos-lagos  
O Aguapé, jaçanã, cará-d'água  
Oxibata dos plebeus e fidalgos  
Flor de lótus suspensa na água.

Todos na dança das baronesas  
Iapunaque-uaupê, folha sagrada  
Que ajuda a filtrar as impurezas  
No espelho da alma degradada.

Um olor abjeto de sua fragrância  
Que exala o fedor de seu aroma  
Reflete o mortal em sua jaçanã  
Sua soberba espraiada no rizoma.

Sobre a água da lagoa se estende  
Um lapele flutuante e raro abrigo  
Para os seres que a luz transcende  
Como o refúgio natural do perigo.

A praga infestante, fluvial e lagunar  
Se prolifera e abastece dos esgotos  
A planta daninha que consome o ar  
Abarca rejeitos, dejetos de escrotos.

Algumas sem almas sob inflorescência  
Bailam nas águas fétidas e poluídas  
Mas, as baronesas e sua resiliência  
Suprem alimento às vidas excluídas.





**T**endo sido superada a primeira travessia, a solitária andarilha prosseguiu em sua jornada, ainda refletindo sobre o que acabara de deixar para trás. A última sensação aos poucos foi sendo atenuada ao perceber, logo adiante, um cenário bem menos perturbador. Era um belo e convidativo jardim, povoado por enormes borboletas de vários matizes que o adornavam numa miríade de cores ao sobrevoar com perfeita harmonia aquilo que, aos seus olhos verdes, pareciam ser douradas flores de cactus.

## Borboletas

Bordo letras  
líricas  
no tecido  
dessa tela  
virtual

Borboletas  
rítmicas  
no somido  
dessa dança  
visual

Vôo rasante  
ar raso  
sufocando  
o gemido  
À deus.

## Flor de cactus

O meu coração cigano diz  
que na raiz de todo ser humano  
corre a seiva da felicidade

O meu sentimento é visceral  
ao ser natural, e por assim dizer  
a poesia d'uma flor de cactus

Não existem alegria ou tristeza  
que à natureza não reflete  
na sua rara e exuberante ária

Flor primária que em si encerra  
sobre a terra e lama em que existe  
cada ser em seu ardor e habitus.



**D**essa profusão de sensações, pelas quais nossa personagem era acometida, um misto de alegria esfuziante e de uma consciência emotiva perpassava profundamente o seu âmago e a instigava a prosseguir mais determinada em sua jornada de revelações e, acima de tudo, de autoconhecimento. Era como se dentro de si algo estivesse em plena arborescência.

## Arborescência

Ser é mais do que existir  
No passar do tempo até o ocaso  
Estar sobre a terra e seguir  
Na trilha traçada pelo acaso

A cada um cabe o poder  
Para fecundar o chão  
Espraiar suas raízes, florescer  
Semente de vida em grão

Que por milagre se replica  
Na seiva que corre no ser vivo  
Por onde a espécie personifica  
E retém o puro elo primitivo

Os pares parecem quase iguais  
Quando se abstrai das diferenças  
Em toda relva há esses sinais  
À despeito das visões e crenças

Quem sabe o que reserva o amanhã  
Da vasta flora em arborescência?  
Do broto à frondosa árvore anciã  
O que os une e separa em essência?



**A**aravilhada pela imagem bucólica e agradável daquela paragem, nossa viajante não se dera conta que o dia começara a escurecer, tornando a viagem mais arriscada por aquele território desconhecido, no qual se aventurara. Era preciso se apegar a algo que dissipasse o medo e lhe propiciasse um respaldo de segurança. Quando os raios de sol não mais entravam na densa floresta, surgiu à sua frente um belo felino de olhos verdes e pele negra que se confundia com a escuridão predominante, mas sem qualquer intenção de ameaça. Aquela pantera negra lhe transmitia uma inusitada sensação de confiança, como se a esplêndida criatura fosse uma espécie de guardiã, gerada de suas súplicas.

Kairava

## Guardiã

(Pantera Negra - O Feminino Sagrado)

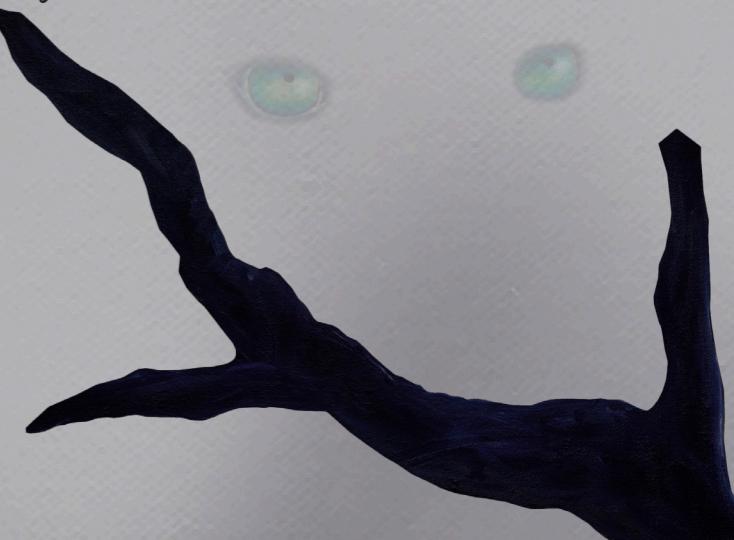
Em um universo tão vasto e obscuro  
Repleto de segredos e de significados  
A aura mística, primitiva que procura  
É isenta de quaisquer culpas e pecados

D'uma simbólica criatura que se elege  
Como defesa ante o mal que se inflige  
Essa sera é a guardiã que me protege  
Da ameaça que por vezes me afflige

Pelo olhar sereno e atento na vigília  
De um animal felino de postura nobre  
Pantera negra, floresta noturna e idílio  
Ágil ao perigo, quando ela descobre

A força misteriosa da cura espiritual  
Dissipa ilusões que as sombras trazem  
No poder invisível de um totem sensual  
O feminino sagrado e sua energia zen

Sob a nudez da lua, o seu poder revela  
E ascende à escuridão que nos invade  
A pantera surge exuberante nessa tela  
Em imágéticos olhos verdes de verdade.





**A**girata prosseguiu “noite” adentro pela floresta escura até um novo “amanhecer”. Durante toda a trajetória, a nossa viajante se sentia protegida por sua guardiã, até se deparar com uma nova paisagem deslumbrante que confirmava toda a exuberância da mãe natureza. Ela estava diante do mar, e nesse cenário a lembrança de Maracaipe foi inevitável. Uma ciranda, adornada por um mantra, podia ser ouvida ao longe, mas a sua fonte era incerta, talvez fosse um resgate de suas memórias lúdicas da infância.

## Diante do mar

Diante do mar  
Colhi as estrelas na areia  
O sol radionizante no ar  
De estímulos nos incendeia

Diante do mar  
Caymmi se fez um rei  
Nas cantigas a me embalar  
Cai e me inspirei

Diante do mar  
Meu corpo se doura na praia  
Meus olhos a comparar  
Espuma e renda de cambraia

Diante do mar  
Dancei a ciranda de Lia  
Os pés descalços a preamar  
Tocando a vida à revelia

Diante do mar  
Antes que o mal aconteça  
Serei feliz para amar  
Com todo bem que eu mereça

Diante do mar  
No horizonte diviso o infinito  
Não há quem possa alcançar  
A amplidão do que eu acredito.

## Maikekai

Maikekai, Maracaipe!  
O som do mar faz o convite.  
Maracaipe, Maikekai!  
E, sem demora, a gente vai...





**A**inda diante daquele belíssimo e vasto mar, nossa personagem se depara com outra visão encantadora. Era um ser de luz que se formava da mistura entre os azuis celeste e marinho e ascendia à sua presença exibindo um sorriso terno e acolhedor. Estava ela defronte de uma deusa? Seria Iemanjá ou uma fada? Ou seria apenas uma miragem? O “sato” é que aquele ser não disse nada, além de sorrir e irradiar as suas pétalas de luz que inundou de poesia e encantamento a trilha ignota.

## A miragem da fada azul

Estendia o azul de suas vestes  
aos vastos oceanos celestes  
Nuvens e ondas, singram olhares  
na vagueza de seus navegares...

Como uma quilha corta os mares  
e uma estrela ascende aos ares  
Que desse azul se faça encantada,  
feita a miragem da fada azulada!

De norte a sul todo azul se alastrá:  
o auslo que a palavra não traduz!  
A fausta fada, cujo riso não aplasta,  
derrama feliz suas pétalas de luz...

Aqui (de meus olhos, bem diante)  
impressões visuais do poeta blue  
Agora (ad aeternum, no instante)  
induções virtuais d’uma fada azul.



**A** experiência da fada azul marcou de forma indelével o espírito de nossa personagem que continuou a sua jornada sentindo uma imensa paz interior. Ao cair da tarde, supostamente imaginada daquele segundo dia, um perfume exalava de dentro daquela floresta misteriosa e a invadia como se de sua alma quisesse se apossar. O aroma do almíscar prevalecia ao redor, e dentro de si incitava um clima de melancólica nostalgia. E esta foi a primeira vez em que me dei conta de que a viajante era eu. Além disso, percebia claramente que a natureza buscava, através de mim, dar o seu grito de liberdade.

## Almíscar 1

Alma minha febril e libertária  
Só o torpor do perfume anestesia  
Uma ilusão remota de saudade  
Que meu coração partido silencia  
Os sonhos da minha mocidade  
Tolos arroubos de fé humanitária

Almíscar flagrante no olfato  
Fragrância que me toma por inteiro  
Um sentimento distante e incerto  
Daquilo que seria o verdadeiro  
Revelando o meu ser a céu aberto  
Trago do aroma o encanto abstrato.

## A mulher nascida para ser livre

Em seus pés como raízes  
Filha da terra e da natureza  
Frutos e flores brotam felizes  
A liberdade é a sua realeza

Cada parte de um todo vibra  
Nessa energia que emana  
O ser que traduz em sua fibra  
A liberação para o nirvana

Na plenitude da paz interior  
Ego a transcender na dialética  
Qualquer argumento inferior  
Submisso à sua ânima eclética

Assim como o ocaso anuncia  
O rebentar da noite pelo dia  
Nasce livre o ser que renuncia  
É da mulher a luz que irradia.

Capítulo 2

# A musa iluminata



**A** revelação da identidade da personagem aguçara meus sentidos para as próximas surpresas e percepções que aquele ambiente ainda propiciaria. Embora estivesse convencido da possibilidade de estar inserido na persona da viajante, como se aquela figura fosse meu avatar, também me sentia atraído pela beleza que ela emanava, fora de meu alcance. Era como se do meu âmago, uma certeza abstrata do ego propiciasse um prazer de autoconhecimento. Algo que poderia se assemelhar a um orgasmo sensorial e inédito que emanava do seio do ser.

### No seio do ser

Sempre sei o que loco  
Não troco sílabas à toa  
Se tal pessoa me atraí  
Quem vai atrás, sou eu.

Jamais moveu o anseio  
Passeio pelos desvios  
Em calafrios de frenesi  
Quem de si enleva o ego.

Prego o prazer pelo tato  
No contato dentre seres  
Pois, deles se pode afluir  
Ao fruir d'um gozo íntimo.

No último que não expira  
À pira onde a flama arde  
Sendo o alarde ao intuir  
Um porvir no seio do ser.

### Avatar

Arde em cada ser  
O fogo a florecer  
À sombra do avatar  
Que habita temporário  
Durante a sua jornada  
Por sendas a desbravar

A luz de ser e estar  
Brilha além do mirar  
Persona a transcender  
Que da alma se anima  
Nessa trilha inusitada  
Alé o seu eu degradar.



**N**unca em minha vida houvera me sentido tão perplexo, atônito e extasiado, diante de questões tão ambíguas e intrigantes. Estava inebriado, embora desorientado na minha condição de mero expectador, com tudo aquilo que se passava. Nada poderia fazer para esclarecer um pouco que fosse. Afinal, aquela viajante seria uma projeção de mim, mas com que finalidade?

Não tardou para que a trilha incísse numa caverna, onde se percebia a presença de uma divindade. A Deusa dos cabelos de fogo e das faces triades que se anunciara como Brígida. Ela chamou a viajante à sua presença e lhe falou sobre o que dela esperava durante a jornada. Abordou aspectos da alquimia, da arte e da transformação do ser, além da dualidade vida e morte. Foi uma longa explanação por temas que não possuo iniciação e, por conseguinte, fogem completamente à minha compreensão. A viajante ouvia atentamente e, ao final daquela preleção, recebeu uma chama das mãos da Deusa para iluminar a sua jornada.

## Brígida

Esta vida a tudo transforma  
Se não fosse ela a pura transformação  
As coisas, os lugares e as pessoas  
Todas as criaturas que Deus houvera concebido  
Cresce cada ser que comprehende a sina  
Comovido pela inspiração que arde  
Feito um fogo plácido e arrebatador  
Deixe a serpente ser oráculo para os homens  
Que seu veneno seja a cura ou a morte?  
Os saber revelado, a medicina e a alquimia  
Tudo o que transcende este mundo dual  
Numa dicotomia ambígua: Vida-morte-vida  
A chama tripla arde no coração de todos os seres  
Uma miríade de cores nos cabelos de Brígida.





**W**ajante deixou a caverna da Deusa e prosseguiu a sua rota serpentária pela encosta de uma montanha, desde o sopé até o cume, buscando vislumbrar o todo, uno e interior. O fogo aceso em suas mãos permitia a visão da trilha ao cair da escuridão no entorno. Na companhia única da guardiã, aquela mulher, por fim, se mostrara com toda a natureza da sua formosura. Uma diva seiliceira dotada de uma beleza descomunal que me fez resgatar na memória, todas aquelas mulheres pelas quais senti o fascínio da sedução arrebatadora. Inegavelmente, eu me encontrava apaixonado, como num feitiço, pela musa iluminata, cujo nome Rayssa (a líder e condutora) me pareceu perfeito.

## Musa Iluminata

Os teus olhos gritam silentes  
Toda força que trazes inepta  
Na ânsia do ranger de dentes  
Que a boca cala e intercepta

Como a rara aura que fascina  
Jorras o brilho da graça inata  
Numa sutil fagulha feminina  
Que a musa traduz iluminata

Só a lembrança alivia tua falta  
Mas, não me bastam notícias  
Da menina doce à mulher alta  
Que cobri de afagos e carícias

Tua chama arde: fogo da vida!  
És a magia dos deuses e orixás  
Oyá que do amor se engravidá  
Que traz à luz: pedras e cristais.

## Feitiço (Rayssa)

Eu sempre parti da premissa:  
O amor não pode ser à toa  
Ainda que que esteja omissa  
Hei de encontrar a pessoa...

Como a rima da prosa aparece  
Numa poesia que trago remissa  
O sentimento que nos aquece  
Por desejo da paixão submissa

Nesses lábios me perco na ânsia  
E a minha nave carente aterrissa  
Apesar de entender a distância  
Sei bem do ser que me enseitiza.



**A**eu avatar que acabara de denominar Rayssa, já dominava meus sentidos de mero mortal ignorante. Um leigo nas questões da espiritualidade ou do esoterismo. Contudo, movido por uma paixão indômita que me impelia a querer, a todo custo, aquela seiticeira guiando a minha vida de errante por toda a eternidade finita que ela pudesse durar, assim me entreguei.

## Indômita

Ela não reconhece nenhum limite  
Pois, é tão linda quanto se sente infinda  
Ela fascina como a deusa Afrodite  
Ainda assim, com seu vinho ela me brinda

Ela costuma seduzir com seu convite  
Nada me blinda quando eu a vejo avinda  
A excitação explode como a dinamite  
Maravilhinda, a musa me deixa na berlinda

Entorpecido pelo que mais eu acredite  
Celebro tal momento que não finda  
No meu coração, palpilando um palpite

A aura feminina a todo resto prescinda  
E a indômita paixão nos ressuscite  
Para que a felicidade nos seja bem vinda.

## Errante

A minha deusa é mais além  
De bem ou mal, transcende a tudo  
Tem conteúdo em plena forma  
Não se conforma em ser bonita  
Quem acredita ser possível?

A minha diva é mais que músculos  
Por séculos moldada à perfeição  
Com a afeição que ela me enseja  
Que eu seja dela sempre cativo  
O meu motivo é a minha musa.

Como essas alegrias violentas  
Sedentas a se consumir num beijo  
Desejo ardente de fogo e pólvora  
Metáfora de uma paixão tão forte  
O norte para minha vida errante.





O feitiço de Rayssa era como o olhar  
de uma medusa que me petrifi-  
cava e consumia por inteiro. Um  
sentimento avassalador e raro como um  
diamante no mundo de grafite.

## Medusa

Quando ela me apareceu  
Com seu olhar de Medusa  
O meu corpo estremeceu  
Ao ver que não há recusa!

Perseu de lendas e mitos  
Seduzido pela fera reclusa  
Dionísio sussurra os gritos  
Na caverna em Siracusa!

Petrificado, aqui aconteceu  
E a mente sinaliza confusa  
O perigo que me acometeu  
Beleza se espraiou profusa

Que fascinante essa musa  
Impregnada por mistérios  
De sua imagem à luz difusa  
Cairam escudos e impérios.

## Diamante

Minha mulher doce do povo  
Desde a origem do seu nome  
Agora e sempre, tudo de novo  
Para se saciar a sede e a fome

Tantas palavras podem ser ditas  
Mas, nenhuma delas será bastante  
Se as lembranças fossem escritas  
Nunca grafite se iguala a diamante

Aquilo que esse tempo não apaga  
Por mais remoto em nossa memória  
Que o coração anseia e a mão afaga  
A gente há que viver para ser história.



**A**conteceu que, em certa altura da jornada, a feiliceira revelou o totem pessoal que era o seu “guia” interior. A imagem fora refletida pelo espelho das águas límpidas de um riacho à beira da trilha de penedos. Era uma índia com o espírito de águia, cujo segundo nome me veio a mente como Tainara (estrela iluminada). Então, a lua se fez presente com todas as suas faces e fases, como quisesse se expressar por sinais. A índia Tainara filou o céu embevecida e pareceu responder à lua, recitando um cântico de exaltação mavioso.

## Tainara

A Lua e a estrela - a joia rara  
Eletroras escorrem por meus lábios  
No poema alusivo se tornara:  
A fé em deuses, o lume de sábios...

Fêmea fatal que fere e acaricia  
Um fogo que, em si, o ateu ateia  
Linda miragem que atrai e vicia  
Insinua a sedução, me incendeia

O desejo vai mais além da luxúria  
Pelo saber da volúpia passadiça  
Ainda que cativo, eu acato a fúria  
Sigo a servir a diva que enseilicha.

## Lua (cântico lunar)

Se do teu brilho me encanto  
Em ti me desmancho  
Num sonho vivo sem fim?!  
Será que um dia dirás sim

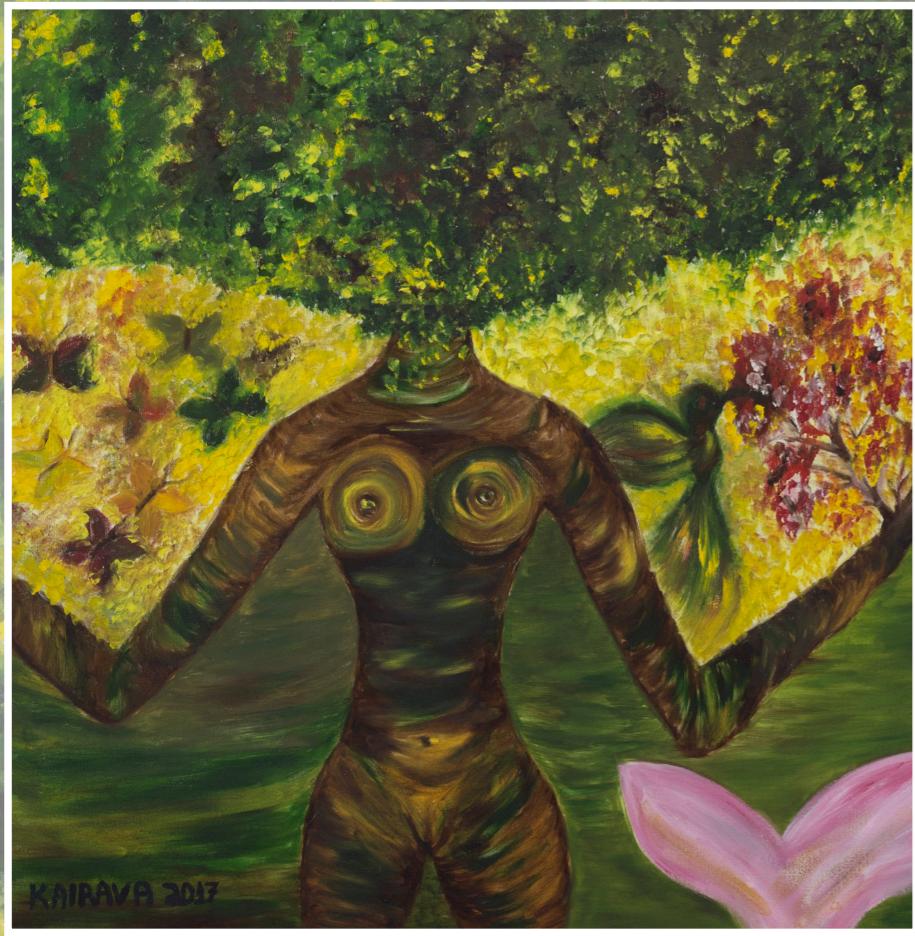
Busco em ti minha verdade  
Doce beladade  
Por que judias de mim?!  
Anjo, cupido e querubim

Se meu nome é teu brilho  
Em ti não me vejo  
Onde me escondo?  
Senão em meus próprios desejos...



Capítulo 3

# Alma mua



**S**egundo preceitos xamânicos, a Ságua é o símbolo do espírito, que nos ajuda a ver a vida num contexto mais amplo. Assim, a partir da revelação da índia Tainara, pude conceber uma nova visão sobre a sucessão de eventos observados. Todas as sensações, bem como a simbologia subjacente, começaram a fazer sentido, tornando a minha missão com um significado e propósito mais claros. Devo empenhar o meu talento na busca do bem estar dos seres vivos e na preservação da natureza e de todos os seus recursos. A floresta Brasil e a magia da dança e da poesia.

## Floresta Brasil

A flora e a fauna em festa  
Toda a floresta e sua exuberância  
“O espírito dos pássaros e das  
Fontes de águas limpidas...”  
A tribo e a terra em comunhão!

Cada palmo do planeta  
Todo o gamela vibra a sua essência  
“Eu já sonhava com a cor e  
o tom de algum país...”  
Cada ser traz o dom da criação!

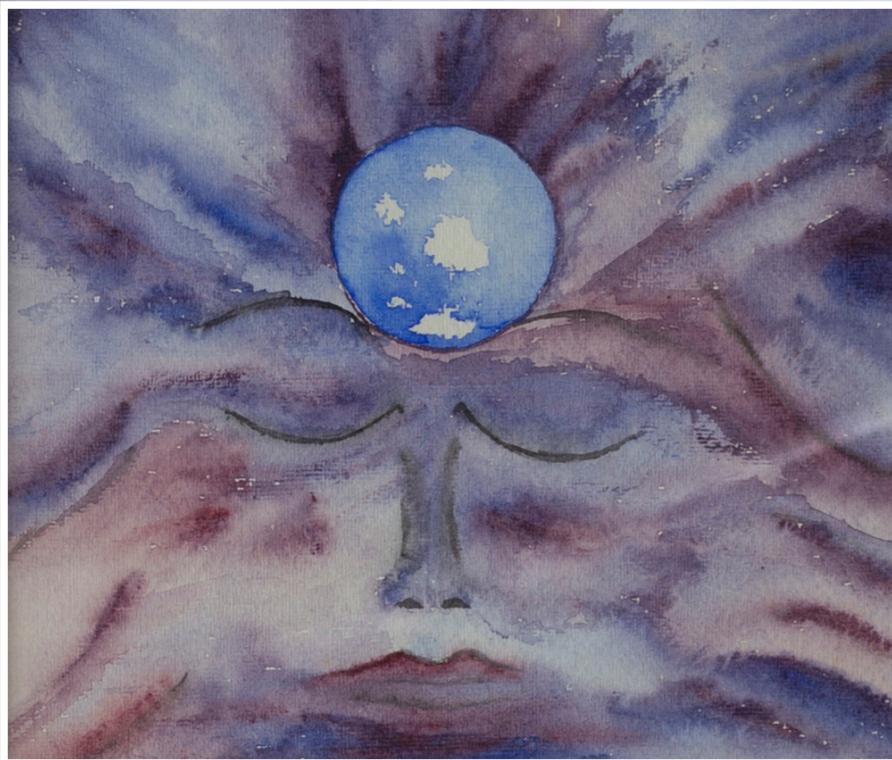
Aqui e por toda a parte  
É a arte que brota em abundância  
“Por um mundo de paz  
Cuidar das florestas e dos animais...”  
Uma nação unida pela comoção!

## A magia da dança e da poesia

Abracadabra, as palavras têm magia  
Abraço e danço alegre com a poesia  
(o mágico e a dançarina trocam passos)  
A arte dá seu ritmo, exibe o conteúdo  
Assim, do aparente nada, aparece tudo.

Morre aos poucos todo aquele,  
Cuja alma já não mais se encanta  
Por toda emoção que transborda no corpo  
Nas palavras e nos sentidos...

Abracadabra, o truque é pura utopia  
Abro o coração no êxtase da alegria  
(o ilusionista e a bailarina num dueto)  
A ribalta ilumina cada estrofe erudita  
Ao fim, a cena nos acena e ressuscita.



**D**a clarividência veio o despertar e  
Deu estava transmutado em poesia.  
A felicíssima agora era como um  
oráculo que me respondia com eslesia o que  
mais me valia como o pecúlio. Porque na  
arte nada é sem razão.

## Oráculo

O que me atrai é a emoção  
E a beleza irresistível  
Da arte da palavra escrita

O verbo e o vernáculo  
Do meu interno oráculo  
Onírico no cerne da questão.

## Estesia

O sentido do que quero dizer  
Comovido pela minha poesia  
Segue sendo o menos importante...

O motivo pelo qual alguém me lê  
Entreliado em alvissareira estesia  
Sempre será um mistério fascinante.

## Peculium

Há riquezas  
e a que me seduz é a extrema  
sem avareza  
e o que me traduz é o poema.

## Sem Razão

Então a arte chega e logo me contagia  
Com o seu ar de puro encanto e magia  
Como aroma que inebria e me aquece  
Feito a Roma antiga, jamais se esquece.

Assim como alguém te acena comovido  
Numa cena sem que haja nada parecido  
É essa coisa abstrata que em nós aflora  
Poesia que trata do que a razão ignora.



**E**is que o retorno pelo portal mágico,  
se deu por meio da poesia e da empatia pelas formas de libertação do ser, à despeito de toda angústia preconizada por Sartre, e no encanto pela aliteração dos versos.

## Sartreano

Existem tantas formas de dizer as coisas que eclodem de meu peito sempre que a emoção me transborda  
De tal sorte que talvez seja difícil resumir num poema toda essa minha inquiétude e a premência criativa!

Cultivo umas ideias que foram semeadas no solo fértil da mente por empatia ao propósito da existência  
Diante do contexto, escolho as razões que precedem meus atos, enquanto um ser ainda em construção...

Permaneço na condição humana, sem a natureza divina que determine as escolhas ou imponha o caminho  
Logo, a essência adém das ações e delas toda angústia da culpa ou pecado por ser condenado à liberdade.

## Aliteração

O dom do som  
Ao ornamentar a ideia  
No contexto literário  
Paire para além  
Das intenções subjacentes

Na plena interação  
De rima e métrica  
Ritmo e estética  
Eis que a pena apenas segue  
A mão voraz do poeta

Assim, da assonância  
Sua constância define  
Todo bailado sonético  
E a dança alcança a harmonia  
Que a obra exibe à vista

Flagrante está na imagem  
O adorno da aliteração  
Nos malizes da linguagem  
Em cada sacada da arte poética  
A piclórica miríade de cores.



**D**e volta ao mezanino e motivado para a prática de uma estética de arte solidária, sinto-me de alma nua e mãos limpas, sendo grato à vida com todos os seus mistérios. Nesse exalo momento, lembrei do artesão que concebera o portal de madeira. Um senhor de meia idade, ambientalista, engajado politicamente e por mim identificado como guru dos mangues.

### Alma nua

Que nada nos distraia  
Nem o aplauso, nem a vaia  
Que nada nos iluda  
A fé insana que não ajuda  
Que tudo seja pleno  
Um ser audaz de tom ameno  
Que tudo seja claro  
De alma nua, eu me declaro:  
Que nada vale tanto  
Nem o poema e o seu encanto  
Que nada é divino  
Lágrima e suor regam o destino  
Que tudo é passageiro  
Até a vida, no sopro derradeiro  
Que tudo também continua  
Emane a vibração da alma nua.



### Guru dos mangues

Ainda que tu andes  
Dos pampas ao Himalaia  
Da cordilheira dos andes  
“Osiglas por la playa...”

Carregas este ideal  
Da tal sociedade justa  
Cada ser a ser igual  
“A mi también me gusta...”

A quem à natureza alude  
Fauna, flora e atmosfera  
Se conceda a juventude  
“Por la vida entera...”

Arte sã, a alma da lenha  
O guru expõe sob medida  
E tudo seja, e nada tenha  
“Gracias a la vida...”



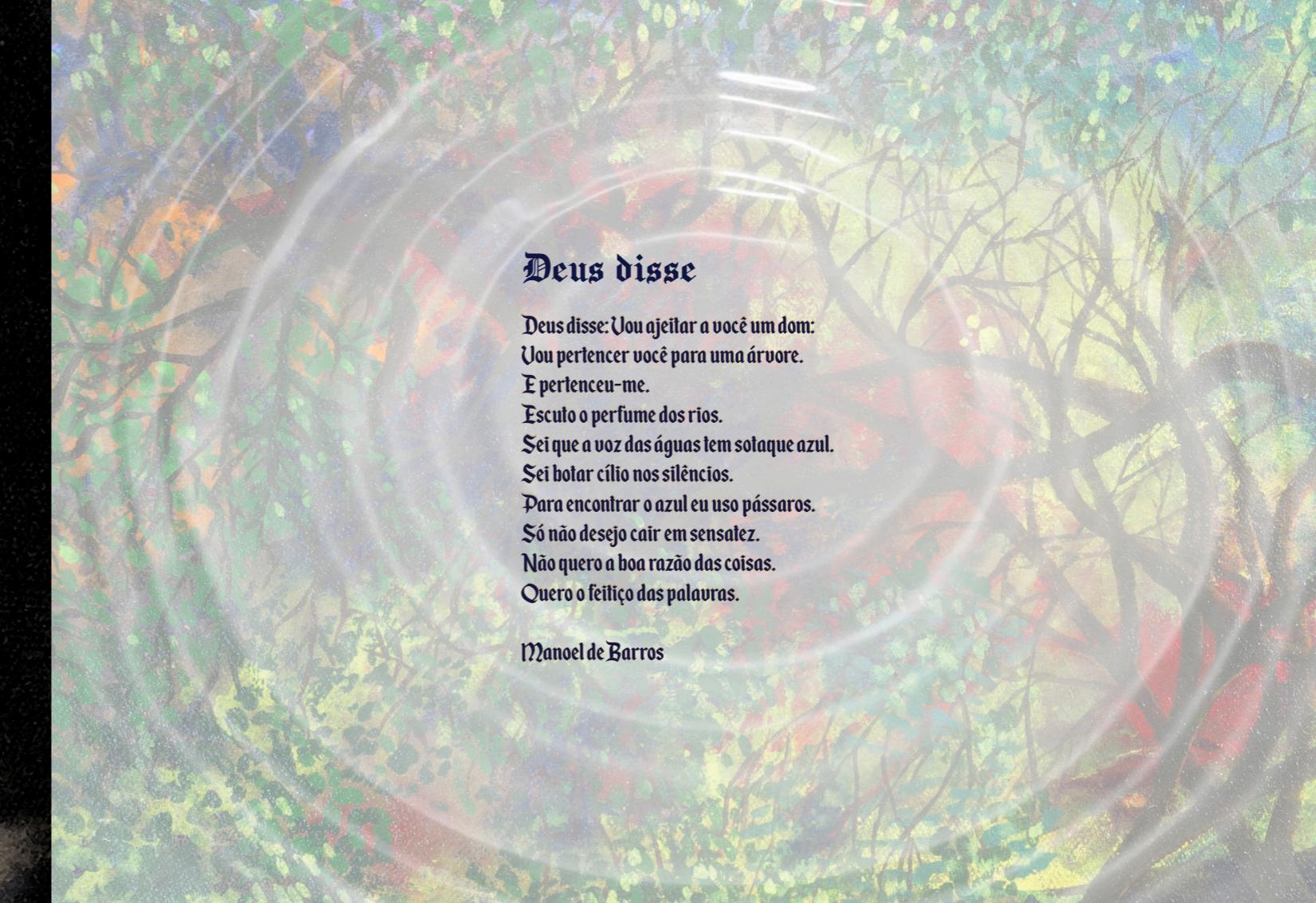
**A**o fim, a “realidade” me atinge contundente. Aqueles e aquelas por quem se nutria grande admiração, são seres imperfeitos em evolução. Não nos cabe prévios julgamentos ou punições apressadas. A jornada da vida está logo adiante, e cada um carrega em si os seus lobos famintos, suas fraquezas e a tristeza da própria existência. É desse instinto do animal humano, das feras que se digladiam antagônicas em seu interior, que concebo todo o feitiço do ser.

## Instinctus

E todo aquele que age sem refletir  
Seguindo o impulso visceral  
É como um animal prestes a fugir  
Da cela que o tolhe brutal...

Insanos arroubos da armadilha  
Quando a lua insinua e entorpece  
Humanos, os lobos da matilha,  
Que o instinto estimula e aparece

Em cada ser grávido de angústia  
As feras se consomem na disputa  
E sob o céu, eivados da moléstia  
Na magia do feitiço, arma arguta



## Deus disse

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:  
Vou pertencer você para uma árvore.  
E pertenceu-me.  
Escuto o perfume dos rios.  
Sei que a voz das águas tem solaque azul.  
Sei botar cílio nos silêncios.  
Para encontrar o azul eu uso pássaros.  
Só não desejo cair em sensatez.  
Não quero a boa razão das coisas.  
Quero o seilço das palavras.

Manoel de Barros

